



OFICINAS GEOGRÁFICAS E APRENDIZAGEM: O PIBID NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA ALCIDES RODRIGUES AIRES

GEOGRAPHICAL WORKSHOPS AND LEARNING: PIBID AT STATE SCHOOL PROFESSOR
ALCIDES RODRIGUES AIRES

TALLERES GEOGRÁFICA Y APRENDIZAJE: PIBID EN LA ESCUELA AYUDA
PROFESOR ALCIDES RODRÍGUEZ AIRES

Rosemberg Ferracini – UFTM – Uberaba - Minas Gerais – Brasil
rosemberggeo@yahoo.com.br

Pablo Amaury Pereira Lima – UFT – Porto Nacional – Tocantins – Brasil
pabloamaury77@gmail.com

Resumo:

As páginas a seguir será uma narrativa de um conjunto de atividades desenvolvidas pelo PIBID 'Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência', na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires. Aliada as oficinas vamos problematizar algumas possibilidades na construção do ensino, das práticas pedagógicas na organização do espaço dos alunos. O Programa foi desenvolvido durante os meses de agosto de 2018 a dezembro de 2019 e contou com aproximadamente seis oficinas distintas aplicadas na escola. Acreditamos que que o exercício espacial trouxe a possibilidade de intervenção na realidade. Nossa base teórica foi a proposta de Brooks (2019, pp. 143-165) "a comunicação entre as disciplinas escolares e acadêmicas da Geografia", buscando a construção e significação do currículo escolar.

Palavras-Chaves: oficinas geográficas, PIBID, escola.

Abstract:

The following pages will be a narrative of a set of activities developed by PIBID 'Institutional Program of Scholarships for Initiation to Teaching', at the State School Professor Alcides Rodrigues Aires. Allied to the workshops we will problematize some possibilities in the construction of teaching, pedagogical practices in the organization of students' space. The Program was developed during the months of August 2018 to December 2019 and had approximately six different workshops applied at the school. We believe that the spatial exercise brought the possibility of intervention in reality. Our theoretical basis was the proposal of Brooks (2019, pp. 143-165) "the communication between the school and academic disciplines of Geography", seeking the construction and meaning of the school curriculum.

Keywords: geographic workshops, PIBID, school.

Resumen:

Las siguientes páginas serán una narración de un conjunto de actividades desarrolladas por el programa 'PIBID Institucional de Becas de Iniciación a la docencia', en el estado de maestro de escuela Alcides Rodríguez Aires. Combinado con los talleres se debatirán algunas posibilidades en la construcción de la educación, de las prácticas pedagógicas en la organización del espacio de los estudiantes. El programa fue desarrollado durante los meses de agosto de 2018 a diciembre de 2019 y a la que asistieron aproximadamente seis talleres diferentes aplicados en la escuela. Creemos que el ejercicio espacial trajo la posibilidad de intervención en la realidad. Nuestra base teórica fue unir la comunicación entre la escuela y las disciplinas académicas de Geografía, buscando la construcción y sentido del currículo escolar.

Palabras clave: talleres geográficos, PIBID, escuela.

INTRODUÇÃO

As páginas a seguir será uma narrativa de um conjunto de atividades desenvolvidas pelo PIBID 'Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência', na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires. Aliada as oficinas vamos problematizar algumas possibilidades na construção do ensino, das práticas pedagógicas na organização do espaço dos alunos. O Programa foi desenvolvido durante os meses de agosto de 2018 a dezembro de 2019 e contou com aproximadamente seis oficinas distintas aplicadas na escola. O texto está dividido em duas partes que se comunicam, a primeiras é contextualizar a construção das atividades escolares desenvolvida entre a escola e a universidade. A segunda é demonstrar a importância do programa enquanto articulador de aprendizado entre os estudantes de Geografia, o chamado currículo acadêmico ao currículo escolar e os alunos do ensino médio. Sabendo disso, nosso desafio será em descrever analiticamente algumas atividades enquanto interventoras no espaço geográfico.

Temos o PIBID como um programa que proporciona a possibilidade de troca e conhecimentos entre os estudantes do ensino superior e os do ensino básico. Essas interações podem ajudar com que ambos desenvolvam novas possibilidades de aprendizagens nas mais variadas esferas. Para os licenciados de Geografia é possível observar e exercitar a prática docente por meio das oficinas criadas e desenvolve-las no período de vigência. Já os alunos do ensino básico conseguem aprender de forma dinâmica e lúdica os conteúdos que são passados em sala de aula pelos professores. Entre o conjunto de alunos, o projeto foi acompanhado por um supervisor, comumente o professor da escola e o coordenador, professor da Universidade.

Tendo como base as orientações da supervisão escolar, as oficinas foram pensadas, organizadas, sistematizadas, conversadas e construídas de acordo com as necessidades da escola. Ousamos em relacionar os temas e categorias geográficas com as normativas de orientação da Base Nacional Comum Curricular, BNCC. Consideramos dessa, alguns fatores como conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; Trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores na resolução das demandas complexas da vida cotidiana, na plena atividade da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL. MEC, 2018).

Partindo da concepção de Brooks (2019, p. 145) “o que importa não é o que um professor sabe, mas como ele usa esse conhecimento para ensinar”, tivemos como objetivo construir com os alunos conteúdos significativos relativos ao ensino de Geografia. Concomitante, foi o de buscar reforçar os temas geográficos em diferentes escalas de aprendizado. Para isso os mesmos foram revistos pensando em quebrar as dificuldades no processo de assimilação, para que auxiliasse o professor. Essa atividade foi ímpar para o desenvolvimento dos universitários de licenciatura por diversos fatores. Um deles foi a possibilidade de voltar ao contato com a escola pública, ligado a isso os mesmos conseguiram entender o currículo construído em sala de aula. Para os alunos das escolas foi o contato com a universidade e a possibilidade de adquirem um novo espaço para a obtenção de conhecimento.

A metodologia adotada foi trabalhar com as demandas de temas trazidas pelo professor supervisor do Programa na escola, Geovani dos Santos. O processo de criação das oficinas, passando pelo tema até a aplicação foi feita pelos alunos participantes do programa. A partir de reuniões semanais com o grupo de acadêmicos de Geografia coordenada pelo então professor Rosemberg Ferracini, o PIBID aconteceu em na universidade. O programa proporcionou espaços de organização e aplicação de momentos de discussão, crescimento e na geração ser-professor. Além das oficinas, as reuniões realizadas na Universidade foram de grande utilidade para a resolução de

conflitos e desenvolvimento das metodologias usadas no decorrer do Programa para a realização das oficinas. Nas reuniões se debateram os pontos positivos das oficinas realizadas, seu alcance, sua aceitabilidade, assim como os pontos a serem melhorados, tão importante quanto os positivos.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA: OFICINAS GEOGRÁFICAS E APRENDIZAGEM

No decorrer dos dezesseis meses de desenvolvimento do subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na Universidade Federal do Tocantins, Campus Porto Nacional, sete oficinas foram desenvolvidas e aplicadas na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, bem como na Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira.

Como salientado por Brooks (2019, pp.143-165) buscamos “a relação entre “expertise” da disciplina escolar e a ciência de referência”, em nosso caso a ciência geográfica. O subprojeto de Geografia foi dividido em três grupos, sendo dois vinculados à Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico e um, este que será tratado neste relatório, vinculado à Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires. O fato de ter-se desenvolvido as atividades deste relatório nesta última, não impediu que em alguns momentos algumas oficinas fossem trabalhadas na outra escola participante. Isso aconteceu com a proposição do coordenador do subprojeto Rosemberg Ferracini, como busca de se fazer a experimentação de outras realidades e ter maior conhecimento sobre as diferentes estruturas das escolas públicas brasileiras.

A busca pelo exercício do raciocínio espacial foi além das simples e tradicionais aulas corriqueiras no ensino básico, proporcionando momentos de interação intensa entre os acadêmicos de licenciatura em Geografia e os alunos do ensino fundamental. Os graduandos vivenciaram estar à frente de uma quantidade considerável de alunos e tiveram a necessidade de buscar as melhores formas de desenvolver os conteúdos obrigatórios. Assim, cresceu a constatação de cada um quanto à responsabilidade de ser docente, já que se deve buscar o melhor entendimento, levando também em consideração as subjetividades e as possíveis dificuldades dos educandos.

DUBET (1997) diz que deve-se ter em mente também algum caráter que reconheça o fator psicológico dos adolescente em sala de aula, um pouco mais de sociologia, para que haja entendimento sobre os processos que esses adolescentes passam fora da escola e que podem explicar seus comportamentos dentro desta. Pensando assim, o professor deveria, além de ter uma boa didática, ter também empatia pelo aluno e proporcionar o melhor tipo de abordagem de acordo com as situações que podem e acontecem em sala.

Como diz MACHADO (2015, p. 117) é preciso considerar este universo vivencial, “normalmente carregado de significados afetivos, corre-se maior risco de promover aprendizagens eminentemente mecânicas através de práticas de ensino tradicionais pautadas na transmissão de informações”. As oficinas espaciais foram, portanto, dinâmicas e buscaram sempre proporcionar um momento de aprendizagem ligada à descontração em sala de aula, ensejando momentos leves, de debate e discussão, possibilitando lugar de fala e escuta, de modo a fazer com que eles, os alunos da educação básica, raciocinassem em grupo sobre os temas desenvolvidos e chegassem a conclusões com a ajuda dos professores. Assim se observa que o objetivo foi proporcionar oficinas livres de qualquer engessamento que é comumente feito em salas de aula tradicionais e que podem acanhar os alunos que, muitas vezes se sentem incapazes de pensar livremente e de buscar as resoluções para os problemas.

Ainda segundo MACHADO (2015, p.118) escreve que a opinião do aluno, mesmo que equivocada “é 'matéria-prima' para o professor iniciar ou desenvolver uma tarefa que desperte, estimule e provoque o estudante a rever a opinião que já possui” e, por isso, proporcionou-se sempre um ambiente em que as discussões eram geradas a partir do que também era dito pelos alunos, de forma que, mesmo sendo contextualizado os conteúdos, as reflexões desses eram sempre instigadas pelos acadêmicos do Programa, fazendo com que relações fossem estabelecidas pelos alunos da escola com o que eles já entendiam sobre o assunto.

Além das oficinas, que serão tratadas em outro momento aqui, foram realizados também encontros com pesquisadores, como o prof. Dr. João Bazolli [Fig. 1], vinculado à UFT do Campus de Palmas. O professor Bazolli, como é conhecido esteve em Porto

Nacional com a intenção de expor o projeto Nós Propomos aos discentes de Geografia participantes do PIBID. Além desse momento de interação com outros projetos realizados pela UFT, houve também o contato entre os discentes de Geografia com a cultura portuense através de encontro realizado com o escritor Edvaldo Rodrigues. Os momentos de trocas de experiências, já que o palestrante auxiliou para o entendimento da história da cidade que recebe o PIBID, sendo ainda extremamente importante para os discentes que são de outras cidades e até de outros estados e que não conheciam muito da história da cidade de Porto Nacional. Cresce assim o vínculo dos alunos com a cidade e há maior envolvimento desses para a busca de desenvolver em seus discentes futuros a plena capacidade de serem cidadãos atuantes na sociedade que fazem parte, valorizando sua história.

Foto 1 - Apresentação com o prof. Dr. João Bazolli.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Houve também exibições de documentários e filmes que contribuíram para o desenvolvimento das percepções de mundo dos integrantes do PIBID, de modo a desconstruir muitos preconceitos e visões superficiais sobre temáticas pedagógicas e raciais. Foram vistos *Pro Dia Nascer Feliz*; *A Educação Proibida*; *Nunca Me Sonharam*; *O Menino Que Descobriu O Vento* e *A Última Abolição*. Todos extremamente importantes para a elaboração de algumas oficinas e auxiliares para algumas transformações nos olhares de mundo dos acadêmicos de Geografia.

Outra ação organizada pelo PIBID neste período de atuação foi a realização de roteiros com o objetivo de trazer os alunos das escolas públicas para ter um primeiro

contato com a Universidade, sendo realizado pelos laboratórios e blocos de aula do Campus Porto Nacional da UFT.

Desse modo decorreu os meses de PIBID: havendo a intercalação de momentos na Universidade para o preparo e discussão de práticas docentes e os momentos na Escola para a prática de fato com a presença dos alunos da educação básica e a necessidade de ter desenvoltura para tratar dos temas exigidos e planejados.

METODOLOGIA

Lembrando nossa referência Clare Brooks (2019), buscamos recontextualizar, rearranjar e transforma o discurso pedagógico para que o ensino de geografia acontecesse. Neste tópico serão explanadas as oficinas desenvolvidas pelo PIBID e aplicadas na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, de modo a demonstrar como foram pensadas, o que objetivaram e como foram aplicadas, bem como sua aceitabilidade.

Trata-se de caracterizar as oficinas que possibilitaram ganho mútuo para os alunos da escola estadual e para os discentes da graduação, sendo o relacionamento e a interação entre esses um dos fatores fundamentais e objetivos da Programa que fizeram com que os discentes de Geografia se apropriassem cada vez mais do que é a profissão docente, já que, como diz CORDEIRO (2011):

Imediatamente, já no seu primeiro contato com a profissão, qualquer professor percebe o quanto o trabalho pedagógico é essencialmente relacional ou interacional. Trata-se de um tipo de ofício que, para se efetivar, depende em larga medida do engajamento e da colaboração ativa dos alunos, o que só pode ser obtido como decorrência de um conjunto de interações pessoais que são geridas pelo professor, mas nas quais os alunos têm um papel e um peso decisivos. (CORDEIRO, 2011, p. 68)

O subprojeto de Geografia do PIBID desenvolveu sete oficinas durante os dezesseis meses de seu desenvolvimento, sendo todas essas aplicadas na Escola Estadual Alcides Rodrigues Aires e uma delas desenvolvida na Escola Estadual Pedro Ludovico. As oficinas foram nomeadas, em ordem de aplicação, de: Regionalizações e Biomas; Corrida Geográfica; Fotografia e Imagem; Hidrografia; Simulados de Geografia;

Cartografia Temática e Fontes de Energia. Em sequência serão tratadas cada uma dessas em subtópicos:

Regionalizações e Biomas

As oficinas e suas temáticas foram decididas de acordo com o que foi dito como necessário pelo professor Geovani, assim, organizamos oficinas nas quintas-feiras, semanalmente, atendendo aos dois turnos da escola. Essa oficina foi a primeira aplicada na Escola e contou com um jogo chamado Batalha de Perguntas e Respostas.

Essa oficina foi aplicada para turmas de sexto e sétimo ano e foi elaborada com o tema que estava sendo estudado pelos alunos nas salas de aula de Geografia. O professor Geovani coordenador na área de Geografia, orientou que o tema deveria ser Biomas e Regionalizações, para que os alunos exercitassem o que já tinham visto nas aulas. Dividiu-se, assim, os alunos aleatoriamente em três grupos, para que as turmas se ajudassem, já que a formação livre de grupos faria com que ficassem mais apáticos e dependentes de alguns colegas, portanto a divisão fez com que conversassem e chegassem às decisões de respostas. O tempo de resposta foi cronometrado, já que o tempo da oficina também era limitado pelo tempo de duas aulas de cinquenta minutos. No final, a resposta era mostrada e os devidos esclarecimentos e explicações eram feitos.

Percebeu-se ao fim que os alunos se interessaram pela oficina e se empolgaram em participar, buscando as respostas entre os componentes dos grupos e comemorando os acertos, o que já foi bastante satisfatório, já que é comum que se tenha apatia em atividades que não compõem nota escolar. Os pontos de dificuldade entre os alunos foram visíveis para o professor que teve a possibilidade de desenvolver o conteúdo outra vez em sala de aula, portanto a oficina auxilia no processo de fixação de conteúdo para os alunos e também é válida para o professor que tem um meio de ver os resultados de suas aulas e de fazer as adaptações necessárias para que os alunos possam compreender o conteúdo.

Assim, analisou-se que a oficina desenvolvida na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires foi muito útil para desenvolver habilidades nos alunos que nem sempre são possíveis em outros espaços. A coletividade foi reestruturada durante as oficinas e esses foram levados a buscar interação com outros alunos que não faziam parte de seus círculos, ademais, a tomada de decisão era implícita à oficina, já que deveriam ponderar entre as opções e buscar uma mais coerente.

Fotografia e Imagem

A atividade desenvolvida teve a orientação do professor Dr. Rosemberg Ferracini que foi baseada nas diretrizes dispostas na Base Nacional Comum Curricular. No segundo momento essas mesmas atividades foram adaptadas pelo professor Geovani, para ser aplicada na escola. O intuito principal desta oficina apresentada para os alunos do sétimo ano da Escola Estadual Alcides Rodrigues Aires é a apresentação das imagens de satélite para a contextualização da visão desses meios locais vividos por todos e a sua disposição no espaço que não é possível de ser visto e entendido sem projetos cartográficos e/ou imagens de satélites disponíveis na atualidade.

Se torna importante fazer com que os alunos se habituem a analisar as imagens de satélite dos meios em que habitem ou de onde acreditem necessários e possibilitar a interpretação dos acontecimentos destes mesmos meios e suas consequências para as vidas dos locais. Um exemplo disso é a criação da Usina de Lajeado – TO, que fez com que um lago fosse criado entre os municípios de Palmas e Porto Nacional, sendo o último a sede da escola atendida. Portanto percebeu-se que seria necessária a contextualização das mudanças ocorridas no espaço depois da criação da Usina e as imagens exibidas foram de grande impacto para as crianças, que não conheciam tão claramente a magnitude do acontecido.

Estes exemplos se replicam pelo território brasileiro, tanto para acontecimentos considerados satisfatórios, como a criação de inúmeros pontos turísticos na cidade do Rio de Janeiro para o recebimento dos eventos mundiais, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, quanto para desastres, como os casos

de rompimentos de barragens de Mariana e Brumadinho, MG. Foi com esse objetivo que se realizou as oficinas. Em forma de jogos que conectavam fotografias dos locais e as suas respectivas imagens de satélite, para que os alunos conseguissem relacionar os pontos e ver como as diferenças de verticalidade e horizontalidade. Estes foram perceptíveis e definíveis através da interpretação das formas e entornos, ação dita por BREDA (2018, p. 27). Segundo a autora é fundamental que o ponto de vista aéreo que essas imagens mostrem e tratem de lugares com vistas aéreas, de diferente maneira ou de "lugar nenhum", portanto a perspectiva vertical deve ser trabalhada para a leitura de mapas e imagens.

Antes da aplicação do jogo da oficina, Fotografias e Imagens, foram contextualizadas as transformações das áreas entre Porto Nacional e Palmas, num período de 1984 a 2016, através de apresentação de slides com imagens obtidas pelo programa Google Earth [Fig. 2]. Com essa apresentação pôde-se mostrar as dinâmicas e suas representações nas imagens, de modo que os alunos puderam observar os crescimentos destas cidades e a mudança do rio Tocantins com a criação do lago em decorrência da implantação da Usina de Lajeado, além da invasão da soja nas terras que antes (1984) apresentavam uma quantidade muito maior de vegetação original. Depois disso, o jogo da oficina foi aplicado.

Foto 2 - Apresentação de Slides.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quanto à organização da proposta, entrou-se em consenso de que as turmas deveriam ser divididas em três grupos. Posteriormente houve a competição entre os mesmos e, assim, se tornando competitivos e empenhados com a oficina. Depois de

divididos os grupos, o jogo foi iniciado e consistiu em uma apresentação de slides com a adição de fotografias sobre imagens de satélite obtidas pelo Google Earth, sendo quatro fotografias para cada imagem, e apenas uma correta. Os alunos encaixavam a alternativa correta em cartolinas recebidas por cada grupo. Quando todas as imagens foram mostradas e todas as correspondentes fotografias escolhidas, colocamos uma cartolina ao lado da outra e os acertos de cada grupo foram contabilizados.

Foi gratificante notar que dois grupos acertaram todas as fotografias (15) e um grupo acertou 14 delas. Isso mostra que eles conseguiram entender que os pontos vistos horizontalmente apresentam outras formas vistos verticalmente, mas ainda assim apresentam características identificáveis dos próprios lugares e em seus entornos.

Hidrografia

A atividade desenvolvida foi baseada nas diretrizes dispostas na Base Nacional Comum Curricular e, em segundo momento, adaptada pelo professor Geovani, para ser aplicada na escola. O intuito principal desta oficina apresentada para os alunos do nono ano da Escola Estadual Alcides Rodrigues Aires e sexto ano da Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira é a explanação do conteúdo de Bacias Hidrográficas e sua compreensão reforçada ludicamente em jogo de trilha hidrográfica, ou seja, uma trilha representando rios formadores de bacia hidrográfica, vejamos a foto 3 abaixo.

Para essa atividade buscamos apoio em Callai (2006) e Silva (2006) para entender e aplicar o jogo no ensino de geografia. No decorrer do exercício buscamos que os estudantes construam a relação entre solo e clima, vegetação e temperatura, relevo e hidrografia. Os temas foram 'principais tipos de relevo e clima, vegetação e hidrografia do Brasil e Espaço geográfico – lugar e paisagem'. As perguntas e respostas foram elaboradas e anotadas pelos PIBIDIANOS em atividade teórica na universidade. No seu desenvolvimento foram utilizados dados com número e cones para marcar o avanço de cada jogador entre chegada e partida. O tabuleiro no chão foi a principal peça do jogo. Para tal, é importante que se descubram e compreendam a lógica dos escoamentos de água, já que são frequentemente e diretamente afetados por estes em seus cotidianos. Da mesma forma é relevante que os estudantes entendam que pelo

fato de viverem em uma cidade com grande potencial hídrico pela presença, que é o lago da Usina de Lajeado, no curso do rio Tocantins. Deste modo, estão sujeitos aos escoamentos que tem como objetivo desaguar no lago, sendo de extrema importância a manutenção de córregos e rios que cortam a cidade em direção ao nível de base mais próximo.

Foto 3 – Aprendendo com a Trilha Hidrográfica.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Percebendo a hierarquia dos cursos de água, percebem também como a sociedade em que habitam transforma o espaço e assim afetam o relevo que limita os escoamentos que podem vir a trazer prejuízos para a vida no local, quando a sociedade que o habita não tem responsabilidade com o meio e o usa de forma descontrolada e leviana. Tornando-se um tema não só de explanação, mas também de conscientização.

Antes da aplicação do jogo da oficina, Trilha Hidrográfica, o tema foi explanado, já que o jogo é baseado em respostas, sendo necessário respondê-las corretamente para chegar ao fim, portanto, explicamos a hierarquia com a ajuda de figuras exibidas em apresentação de projetor, bem como as responsabilidades principais dos diferentes

cursos do escoamento e as regionalizações hidrográficas brasileiras. Depois disso, aplicamos o jogo que consistiu em uma trilha que representava a hierarquia das bacias hidrográficas, assim, continha subafluente, afluente e rio principal, com suas fozes. Com isso, tentamos fazer com que eles percorressem os cursos d'água e assim compreendessem sua lógica, sendo sempre lembrada a importância dos relevos e seus declives para a manutenção do escoamento.

Quanto à organização da proposta, entramos em consenso de que as turmas deveriam ser divididas em quatro grupos, portanto quatro afluentes, já que cada grupo representava um afluente no seu caminho ao rio, para que houvesse uma competição entre os mesmos e, assim, se tornassem competitivos e empenhados com a oficina. Depois de divididos os grupos, o jogo foi iniciado e consistiu em uma apresentação de slides com a adição de figuras de escoamentos sobre relevos, além de questões objetivas sobre o tema exposto e a trilha que devia ser conquistada com o avanço até o nível de base inferior, sendo o oceano o objetivo de cada grupo. Os alunos responderam em papéis, para que houvesse sigilo das respostas, devido ao fato de se tratar de uma competição. Quando todas as imagens foram mostradas e todas as questões respondidas, contabilizamos os acertos de cada grupo.

Foi gratificante notar que, nas duas escolas aplicadas, o desempenho dos grupos foi muito bom, chegando próximos ao último nível de base, não chegando por falta de tempo decorrente do limite de tempo de aplicação da oficina. Isso mostra que eles conseguem entender a hierarquia do escoamento no relevo, já que as perguntas se basearam nisso. É visível que eles apresentam também dificuldades, já que estão em processo de aprendizagem. Viu-se que não conseguiram compreender em totalidade as funções de erosão, transporte e deposição dos cursos de água, mas é conteúdo que verão outra vez em sala de aula e com mais tempo, portanto foi importante ter um primeiro contato.

Simulados de Geografia

Esta proposta foi desenvolvida com a proposição de que os alunos da educação básica deveriam ter algum tipo de ajuda direcionada às questões que estavam prestes a ter contato com inúmeras provas que deveriam realizar nos últimos meses do ano, como o ENEM, a SAETO e a SAEP, de modo que buscou-se levar às oficinas questões aplicadas em edições anteriores dessas provas para que eles pudessem se acostumar com os padrões dessas e com os objetivos que elas buscavam em respostas.

Foram atendidas turmas de 9º ano da Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires, que tiveram a oportunidade de ter as questões explanadas em apresentação de slides [Fig. 4] e tiveram também gabarito em que puderam responder as questões antes da resolução, de modo que puderam testar os seus conhecimentos prévios.

Foto 4 - Apresentação das questões em slides.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Observou-se grande número de acertos nas turmas em que essa oficina foi aplicada e os alunos aceitaram bem a dinâmica da oficina e se empenharam em participar, de modo que, mesmo sendo em contraturno, houve a presença da maioria dos componentes das turmas envolvidas.

Cartografia Temática

Na oficina de Cartografia Temática buscou-se proporcionar o entendimento de cores frias e quentes, onde as chamadas quentes representam espaços onde o valor dos dados é denso e as frias representam os espaços onde o valor dos dados é escasso. Para isso, dois mapas do Brasil dividido em macrorregiões foram levados para serem pintados pelos alunos em diferenciação e ordem, sendo que os dados levados foram o de número de municípios por estado. Assim, as turmas foram divididas em grupos, onde cada grupo esteve com uma macrorregião, de modo que se formaram cinco grupos.

Foto 5. Mapas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Cada grupo ficou responsável por pintar os estados de sua macrorregião por ordem, de acordo com os dados passados, e também por diferenciação. No final, perceberam quais estados são mais divididos em municípios, pois esses ficaram com cores quentes, e os estados menos divididos, pois esses ficaram com cores frias.

O intuito de fazer com que entendessem o objetivo dos mapas analisando as suas cores foi alcançado, já que no momento final da oficina os mapas foram colocados no chão [Fig. 5] e os grupos ficaram em volta os analisando. Perguntas a respeito do tema foram feitas e eles prontamente responderam com bastante veemência, sempre acertando e fazendo contribuições importantes para o entendimento da temática.

Fontes de Energia

A oficina de Fontes de Energia, teve uma introdução a respeito das fontes de energia existentes. Nessas foi apresentado as diferenças entre renováveis e não-renováveis, mostrando seus benefícios e seus malefícios às sociedades que as escolhem para geração de energia. Em segundo momento, as turmas foram divididas em três grupos, cada um responsável por desenhar em cartolina as formas de energia disponíveis para uso, os espaços em que essas podem ser instaladas, as forças geradoras de energia e a cidade.

Desse modo, os alunos conseguiram perceber que as fontes de energias são ligadas ao relevo e só se realizam com a existência de alguma força abundante e uma usina transformadora de algum tipo de energia em energia elétrica.

A oficina foi aplicada sem grandes problemas, uma vez que a presença dos alunos no contraturno foi ineditamente mais baixa para a aplicação desta. Aos alunos participantes o entendimento foi alcançado e os mesmo elaboraram desenhos muito fidedignos com as explanações anteriormente feitas e com o conhecimento prévio sobre o assunto que todos, mais ou menos, tinham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisa-se que as oficinas desenvolvidas na Escola Estadual Professora Alcides Rodrigues Aires e na Escola Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira foram muito úteis para

desenvolver habilidades nos alunos que nem sempre são possíveis em outros espaços. Junto a isso a proposta de aplicação das atividades em outras escolas parceiras do programa foi de suma importância em diversos fatores, entre eles o fato de nos acostumarmos às rotinas das escolas costumeiras e nos esquecermos das diferentes realidades dispostas no espaço. Portanto, aplicar a oficina em outra escola desenvolveu no grupo, futuros professores, habilidades de maior inserção e entendimento dos diferentes alunos que encontraremos e das diferentes estruturas que vamos ter disponíveis.

O Programa é importantíssimo para o nosso desenvolvimento professoral e nos faz ter o contato necessário com os alunos para que possamos ter o estímulo e a experiência na área que escolhemos para nossas vidas. Sem o PIBID, todo o potencial que temos seria desperdiçado por bom tempo, já que as atividades práticas da universidade só se iniciam do quinto período, portanto são dois períodos de aproveitamento dos estudantes da universidade nas diferentes escolas da cidade.

Da mesma forma, dizemos que os jogos e atividades lúdicas não são as únicas possibilidades de ensino e aprendizagem que podem ser utilizadas no Pibid e pela escola. Como também é preciso dizer que os professores busquem novos métodos e metodologias para o ensino de geografia nas diferentes séries. Como escreveu Callai (2006) a construção de respostas é um exercício conjunto, e com os jogos e demais atividades esse ocorre de forma interessantes para ambos no processo de ensino.

A partir do desenvolvimento das oficinas, os acadêmicos participantes puderam se imbuir do ser professor e fortalecer os seus laços com a docência, se organizando também de forma a iniciar uma de suas necessidades perante a sociedade que é a de se impor como profissão digna e que merece maior atenção e respeito por parte daqueles que precisam dela, ou seja, todos. Como diz FREIRE (1997), "tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito". Além disso, foram momentos de aprendizado a respeito das responsabilidades dos docentes, bem como suporte teórico, já que através das oficinas

pôde-se desenvolver novos currículos de acorde com as realidades das salas de aulas e dos desafios existentes.

REFERÊNCIAS

BREDA, Thiara Vichiato. Jogos geográficos na sala de aula – 1. ed. Curitiba: **Appris**, 2018.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta preliminar, segunda versão, revista. 2016. Disponível em basenacionalcomum.mec.br. Acesso em 10/09/2016.

BRASIL. MEC, 2018. **Dimensões e Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC 2018**. Disponível: http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2017/02/GT4_07_Pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-para-o-curr%C3%ADculo_-as-incertezas-quanto-ao-ensino-de-Geografia-na-educa%C3%A7%C3%A3o-b%C3%A1sica-a-partir-da-BNCC.pdf

BROOKS, Clare. A relação entre “expertise” da disciplina escolar e da ciência de referência. In, **Conversas na escada**: currículo, docência e disciplina escolar. Orgs Ana Angelita da Rocha, Ana Maria Monteiro e Rafael Straforini. RJ: Consequência, 2019, pp143-165.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia**. 2. ed. Ijuí (RS): Unijuí, 2006, 80 p.

CORDEIRO, J. A relação pedagógica. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, pp. 66-79, v. 9.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, v. 5, n. 6, p. 222-230, mai./jun./jul./ago.,1997.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Editora Olho d'água: São Paulo, 1997.

MACHADO, Júlio César Epifânio. Os Conhecimentos Prévios dos Alunos no Ensino de Geografia: apontamentos para a organização das aulas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 10, p. 114-125, jul./dez., 2015.

SILVA, L. G. Jogos e situações-problema na construção das noções de lateridade, referências e localização espacial. In: CASTELLAR, S. **Educação geográfica**: teorias e práticas docentes. São Paulo: Editora Contexto, 2006

Rosemberg Ferracini: Doutor em Geografia Humana USP. Professor de Geografia com pesquisas em Ensino, Metodologia de Ensino, África e africanidades. Atua na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM, Membro do Laboratório de Educação Geográfica -LABEDUC-

Pablo Amaury Pereira Lima: Graduado em Geografia UFT, mestrando em Geografia na UFT, Porto Nacional.

Recebido para publicação em 08 de novembro de 2023.

Aceito para publicação em 10 de agosto de 2023.

Publicado em 15 de agosto de 2023.